

**TRANSATLÂNTICOS**  
**VIAJANTES NORTE-AMERICANOS NOS AÇORES**  
**(SÉCULOS XIX-XX)**

**Carlos Guilherme Riley**  
*Universidade dos Açores / CHAM / FCSH*



**MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR**

Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores

CHAM | UNIVERSIDADE DOS AÇORES

ISBN: 978-989-20-9631-5, VELAS, S. JORGE, AÇORES (2019)

PP. 291 - 298

***MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR***  
***Religiosidade, Festividades e Turismo***  
***nos Arquipélagos da Madeira e Açores***

Coordenação

Duarte Nuno Chaves

CHAM — Centro de Humanidades  
Santa Casa da Misericórdia das Velas  
Velas, S. Jorge  
2019

## FICHA TÉCNICA

**Título** *MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR*  
Religiosidade, Festividades e Turismo  
nos Arquipélagos da Madeira e Açores

**Coordenação** Duarte Nuno Chaves

**Autores** Vários

**Edição** – CHAM – Centro de Humanidades | Faculdade de  
Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova  
de Lisboa e Universidade dos Açores  
– Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge

**Capa e Paginação** CEHA (Gonçalo Mendes)

**Fotografia da capa** Paulo Rafael

**Tiragem** 400

**Depósito Legal** 457109/19

**ISBN** 978-989-20-9631-5

**Data de Saída** 2019

**Execução Gráfica** Nova Gráfica Artes Gráficas  
Rua da Encarnação, 21 Fajã de Baixo  
9500-513 Ponta Delgada São Miguel - Açores

### Apoios



Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores (M3.3.c/Edições/002/2019) e contou com o apoio da Direção Regional da Cultura | Centro de Estudos de História do Atlântico Alberto Vieira, no âmbito do projeto de Pós-doutoramento com a referência “M3.1.a/F/003/2016” do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

**TRANSATLÂNTICOS  
VIAJANTES NORTE-AMERICANOS NOS AÇORES  
(SÉCULOS XIX-XX)**

**Carlos Guilherme Riley**

*Universidade dos Açores / CHAM / FCSH*

Os ventos alísios e as correntes oceânicas sempre encaminharam, no tempo da navegação à vela, as barcas e escunas americanas para as ilhas dos Açores. Pode até dizer-se – a propósito de Thomas Hickling, um mercador de Boston que se estabeleceu em Ponta Delgada a partir de 1769<sup>1</sup> - que já havia Americanos nos Açores antes da independência americana.

Thomas Hickling Sr. (1745-1834) é, aliás, o ponto de partida incontornável para qualquer abordagem que se prenda com as relações entre os Estados Unidos da América e as ilhas dos Açores<sup>2</sup>, pois a sua presença neste arquipélago não só ficou gravada em pedra, desafiando as folhas caídas da nossa memória, como foi indiretamente responsável por um expressivo número de testemunhos literários norte-americanos sobre os Açores, na transição dos séculos XVIII-XIX, caso do precioso Diário escrito pela sua filha Catherine Green Hickling, que cobre o período de tempo compreendido en-

---

1 Sobre Thomas Hickling veja-se a compilação de estudos da autoria de Henrique Aguiar de Oliveira Rodrigues, *Thomas Hickling. Subsídios para uma biografia*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010.

2 Sobre este particular, vejam-se as contribuições de Douglas Wheeler, “The Azores and the United States (1787-1987): two hundred years of shared History”, in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. XLV (1), 1987, pp. 55-71; e Carlos Guilherme Riley “Os Açores e os Estados Unidos da América no longo século XIX”, in *Nação e Defesa*, nº 141, 2015, pp. 107-126.

tre 1786 e 1788<sup>3</sup>, ou então a interessante obra composta pelo seu genro John White Webster, intitulada *A Description of the Island of St. Michael* que foi, salvo melhor opinião, o primeiro livro de Literatura de Viagem publicado por um americano sobre os Açores<sup>4</sup>. Podemos ainda juntar a este rol o filho de Catherine Green Hickling, o reputado historiador e hispanista William Hickling Prescott<sup>5</sup>, o qual em 1816 veio à ilha de São Miguel visitar o avô materno e daqui escreveu algumas cartas aos seus amigos em Boston, destacando o clima e a flora subtropical açoriana, característica que nunca escapava à observação dos nativos da Nova Inglaterra, bem como as tradições arcaicas da sociedade local, cuja acentuada falta de urbanidade impressionou o jovem Bacharel da Universidade de Harvard, que apenas encontrou um interlocutor local – Joaquim António Paula de Medeiros – com quem pudesse manter longas conversas em francês<sup>6</sup>.

Neste breve apanhado dos mais antigos testemunhos literários de viajantes/visitantes norte-americanos nos Açores, podem-se identificar três tipologias diferentes de escrita – o diário, o livro publicado e o epistolário – que concorrem no sentido sublinhar o papel catalisador que a figura patriarcal de Thomas Hickling desempenhou a dois níveis:

1. Contribuir para um melhor conhecimento dos Açores entre a elite social e intelectual de Boston e Cambridge, então consideradas a “Atenas da América”.
2. Valorizar o vale das Furnas e os seus recursos termais enquanto espaço de lazer e *health resort*, erguendo aí uma residência – *Yankee Hall* – com tanque e jardim que foi a semente do que é hoje o afamado Parque Terra Nostra.

3 O texto deste Diário, que documenta a visão de uma jovem americana (então com vinte anos de idade) sobre a sociedade de Antigo Regime na ilha de S. Miguel, encontra-se publicado (e traduzido para português) no estudo supracitado na nota nº 1 (pp. 91-133).

4 Vd. John White Webster. *A Description of the Island of St. Michael, comprising an account of its Geological Structure*. Boston: R.P. & C. Williams, 1821. Apesar do título indiciar um livro de Ciências Naturais, grande parte do seu conteúdo centra-se sobre aspetos relevantes da economia, sociedade e cultura micaelense nas vésperas da Revolução Liberal, pelo que se justificava uma publicação integral da obra em português.

5 Sobre a biografia de William Hickling Prescott, veja-se a obra do seu discípulo George Ticknor, *Life of William Hickling Prescott*. Boston: Ticknor and Fields, 1864. Para um testemunho mais recente da obra de Prescott no quadro da historiografia norte-americana, veja-se Richard L. Kagan, “Prescott’s Paradigm: American Historical Scholarship and the Decline of Spain”. In: *The American Historical Review*, vol. 101 (2), 1996, pp. 423-446.

6 O conjunto de cartas escritas por Prescott durante a sua estadia em S. Miguel estão transcritas na obra supracitada (nota nº 5) de George Ticknor (pp. 34-38).

Passemos agora a outra família americana, os Dabney, que se estabeleceu na ilha do Faial em inícios do século XIX, quando foi criado, no ano de 1806, o Consulado Geral dos EUA nos Açores<sup>7</sup>, e cujos membros ocuparam, ao longo de três gerações, o cargo de representantes consulares da jovem República na cidade da Horta, até que, em 1891, abandonaram definitivamente o arquipélago açoriano<sup>8</sup>.

Ao contrário do sucedido em São Miguel, onde quase todo o tráfego marítimo, na primeira metade do século XIX, se inclinava para o continente Europeu, as ilhas da parte ocidental do arquipélago – Flores, Corvo e, sobretudo, Faial e Pico – por via do seu frequente contacto com as frotas baleeiras da Nova Inglaterra desde finais do século XVIII, depressa se tornaram as ilhas mais “americanas” dos Açores, conforme testemunhou, em 1886, um antigo Governador Civil da Horta, Júlio de Castilho<sup>9</sup>.

A ampla baía da Horta, sem dúvida o melhor porto natural de todo o arquipélago, tornou-se escala obrigatória das frotas baleeiras e mercantes da Nova Inglaterra, razão pela qual o State Department decidiu estabelecer aí a sua sede consular, em detrimento de outras cidades açorianas mais importantes, como eram os casos de Ponta Delgada e Angra, mas estrategicamente irrelevantes para os interesses navais e geoeconómicos americanos no Atlântico<sup>10</sup>.

A fixação dos Dabney na Horta durante praticamente cem anos deixou-nos, desde logo, esse precioso legado de diários, cartas e memórias compiladas em três volumes, intitulado *Anais da Família Dabney no Faial*<sup>11</sup>, e além disso gerou um apreciável *corpus* literário americano sobre os Açores, pois a maioria dos “Boston Brahmins” que visitaram o arquipélago ao longo do século XIX estavam, social ou familiarmente, relacionados com os Dabney. Entre muitos outros exemplos possíveis, destacarei o caso de Thomas Wentworth Higginson (1823-1911)<sup>12</sup>, que passou uma temporada de seis meses no Faial em 1855-1856, tendo sido no decurso dessa estadia, onde conviveu

---

7 Cf. William F. Doty, *Esboço histórico do Consulado Americano nos Açores*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2006.

8 Para uma aproximação introdutória, veja-se Maria Filomena Mónica (dir.) e Paulo Silveira e Sousa (notas), *Os Dabney: uma família americana nos Açores*. Lisboa: Tinta-da-China, 2009.

9 Vd. Júlio de Castilho, *Ilhas Ocidentais do Arquipélago Açoriano*, Lisboa: David Corazzi – Editor, 1886.

10 Sobre este tópico consulte-se Ricardo Manuel Madruga da Costa. *O Século Dabney. Uma perspectiva das relações entre os Açores e os Estados Unidos da América à luz da correspondência consular, 1806-1892*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2009.

11 Cf. Roxana Lewis Dabney, *Anais da família Dabney no Faial*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura – Núcleo Cultural da Horta, 3 vols., 2004-2006.

12 Vd. Anna Mary Wells, *Dear Preceptor: The Life and Times of Thomas Wentworth Higginson*. Boston: Houghton Mifflin, 1963

de perto com a sociedade católica local, que começou a tomar forma o mais importante dos seus ensaios teológicos, mais tarde publicado sob o título *The Sympathy of Religions* (1871)<sup>13</sup>.

Muito próximo dos Transcendentalistas que, nessa época, marcavam o compasso da vida intelectual na Nova Inglaterra, Higginson dedicou-se de forma militante às causas do abolicionismo e dos direitos das mulheres, professando um cristianismo de matriz liberal e ecuménica. Mentor da poetisa Emily Dickinson e figura bastante respeitada na América do seu tempo, Thomas Higginson publicou, na prestigiada revista literária *Atlantic Monthly*, diversos artigos sobre Portugal e os Açores, nomeadamente *Fayal and the Portuguese*, dado à estampa em 1860<sup>14</sup>, o qual contribuiu de forma nada despicienda para a promoção das ilhas do canal como *health resort* da elite social da Nova Inglaterra.

Contrastando com o tom petulante de Mark Twain, ao falar da sua passagem pelos Açores, em 1847, na obra *Inocents Abroad*<sup>15</sup>, Higginson olhou sem preconceitos para a sociedade local, descrevendo em linhas de grande beleza, que não resisto a citar, uma das paisagens mais arrebatadoras dos Açores – a montanha do Pico:

*O suave e belo cone azul tornava-se um altar para a nossa gratidão e a fina neblina do ar quente vulcânico que tremeluzia sobre ele parecia o incenso do mundo que se elevava.*

Não se julgue por estes exemplos que o catálogo de autores oitocentistas americanos que escreveram sobre os Açores é todo ele composto por nomes de alto quilate literário, pois não faltam outro tipo de depoimentos produzidos pelos milhares de tripulantes e oficiais das frotas baleeiras que passavam pelo arquipélago, grande parte dos quais permanecem inéditos

13 Vd. Leigh E. Schmidt, “Cosmopolitan Piety. Sympathy, Comparative Religions, and Nineteenth-Century Liberalism”. In: *Practicing Protestants. Histories of Christian Life in America, 1630-1965*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006, pp. 199-221.

14 Cf. “Fayal and the Portuguese”. In: *The Atlantic Monthly*, vol. 6 (37), November, 1860. Em boa hora o Núcleo Cultural da Horta decidiu publicar sob este título uma antologia dos textos do autor norte-americano (traduzidos por Leonor Simas) sobre Portugal e os Açores. Vd. Thomas Wentworth Higginson, *O Faial e os Portugueses*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2009.

15 Veja-se a tradução portuguesa (de Margarida Vale de Gato) desta obra – Mark Twain, *A Viagem dos Inocentes, ou a nova rota dos Peregrinos*. Lisboa: Tinta-da-China, 2010. Por ocasião do centenário da morte deste autor o Núcleo Cultural da Horta organizou um Colóquio (*Mark Twain – Uma Viajante Inocente?*) cujas comunicações se encontram publicadas no *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, nº 20, 2011, pp. 393-483.

nos Arquivos do New Bedford Whaling Museum (Massachusetts) e do Mystic Seaport Museum (Connecticut)<sup>16</sup>, ou então os relatos de viagem em versão de “literatura de cordel” daqueles que, contaminados pela febre do ouro californiano, fizeram escala nos Açores a bordo das barcas baleeiras que os transportavam para a contracosta do Pacífico.

Ilustrativo deste último caso, é um opúsculo de Silas Weston publicado em Providence no ano de 1856 com o seguinte título: *Visit to a Volcano: or, what I saw at the Western Islands*.<sup>17</sup> Embora escrito sem qualquer requinte literário, talvez até por isso, trata-se de um livro de viagem interessante, pois além de documentar com bastante pormenor uma descida à Caldeira do Faial e uma subida à montanha do Pico, o seu autor é, por assim dizer, um “zé-ninguém”. Professor de primeiras letras, foi procurar fortuna nas minas de ouro da Califórnia e, não a tendo encontrado, publicou dois opúsculos sobre essa grande aventura para tentar abater a dívida da sua quimérica viagem.

Aflori aqui apenas alguns exemplos pontuais que constituem a ponta do icebergue do imenso *corpus* de documentos que constituem os testemunhos de viajantes americanos sobre os Açores. Alguns deles, os mais conhecidos, encontram-se há muito publicados, outros já foram identificados e recenseados por Mary Vermette<sup>18</sup> mas encontram-se ainda por estudar, e a esmagadora maioria, estou disso convencido, continua à espera de ser descoberta nessa imensa vala comum da memória quotidiana que são as páginas dos periódicos.

À medida que o século XIX americano acelera para o seu último quartel, o progressivo aperfeiçoamento operado no domínio da engenharia naval e da navegação a vapor, associada ao enorme volume de tráfego marítimo gerado pela emigração europeia para os Estados Unidos, vai provocar no sentido inverso, um número cada vez maior de oportunidades para os americanos visitarem a Europa, cujo *grand tour* deixou de estar só ao alcance dos ricos<sup>19</sup>. Com a democratização da viagem e o advento do primeiro turismo

---

16 Veja-se, a título de exemplo, Ricardo Manuel Madruga da Costa, *De New Bedford aos Mares do Sul. Uma viagem da barca “Sea Ranger” com escala pelo Fayal em 1869*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2008.

17 Cf. Ricardo Manuel Madruga da Costa, Carlos Guilherme Riley e Leonor Sampaio da Silva, *UM OBSERVADOR OBSERVADO: Edição comentada e traduzida da obra de SILAS WESTON, Visit to a Volcano, or what I saw at the Western Islands (Providence: 1856)*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2013.

18 Cf. Mary Vermette, *The Image of the Azorean: portrayals in nineteenth and early-twentieth century writings*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1984.

19 Sobre este tópico veja-se William W. Stowe, *Going Abroad: European Travel in Nineteenth-Century American Culture*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

em massa, subiram exponencialmente o número de visitantes americanos que fizeram escala nos Açores, sobretudo quando atravessavam o Atlântico em direção ao Mediterrâneo.

Nesta época de transição do século XIX para o XX, de que os grandes paquetes transatlânticos são uma das imagens de marca, o número e perfil dos americanos que passavam pelas ilhas e escreviam sobre os Açores já nada tinha a ver com a influência dos Dabney, e muito menos com a dos Hickling, relíquias de um século passado. O novo século XX, esse, irá assistir a uma revolução no domínio da História dos Transportes, o aparecimento da aviação, que na fase pioneira dos voos transatlânticos chamou a atenção dos americanos para os Açores, ao ponto da *National Geographic Magazine* ter publicado, em 1919, um extenso artigo sobre o arquipélago<sup>20</sup>, ilustrado com fotografias de grande valor estético e documental, que acrescentam ainda mais interesse ao texto de Arminius Haeberle, que, entre 1912 e 1915, estivera à frente do Consulado Americano nos Açores.

Ao longo das décadas seguintes, acompanhando os progressos da aviação transatlântica, onde os Açores surgiam como ponto de escala incontornável, a *National Geographic Magazine*, assim como outras revistas americanas de grande tiragem, publicaram reportagens sobre os Açores, abrindo as fronteiras da tradicional literatura de viagens a uma nova linguagem em que a fotografia desempenha papel de destaque<sup>21</sup>.

Quando se inauguraram, em 1939, as primeiras carreiras aéreas regulares entre os Estados Unidos e a Europa, protagonizadas pelos hidroaviões da *Pan American*, os quais reabasteciam no aeroporto marítimo da Horta<sup>22</sup>, assistimos a uma autêntica explosão de notícias e reportagens na imprensa americana sobre os Açores, em grande parte devidas ao “*Press preview flight*”, uma operação meticulosamente planeada pelo Diretor das Relações Públicas da companhia que reuniu a bordo trinta jornalistas da imprensa, rádio e cinema,

20 Cf. Arminius T. Haeberle, “The Azores: Transatlantic Aviators Halfway House”. In: *The National Geographic Magazine*. vol. XXXV (6), June 1919, pp. 514-545.

21 Veja-se, a título de exemplo, o conjunto de textos publicados nesta revista ao longo das décadas de 1930 e 1940: Anne Morrow Lindbergh, “Flying around the North Atlantic”. In: *The National Geographic Magazine*, vol. LXVI (3), September 1934, pp. 260-337; Harriet Chalmers Adams, “European Outpost: The Azores”. In: *The National Geographic Magazine*, vol. LXVII (1), January 1935, pp. 34-66; H.H. Arnold, “Air Power for Peace”, *The National Geographic Magazine*, vol. LXXXIX (2), February 1946, pp. 137- 194.

22 Sobre este tópico veja-se Carlos Guilherme Riley, “A Baleia dos Ares: os *Clippers* da *Pan American* e a cidade da Horta no decurso da Segunda Guerra Mundial”. In: *O Mar na História, na Estratégia e na Ciência*. Lisboa: Tinta-da-China/Fundação Luso-Americana, 2013, pp. 85-101; “Fayal Clipper”: uma história de “Amor da Pátria”. In: *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, nº 23, 2014, pp. 255-274.

assegurando assim à *Pan American* a cobertura mediática em torno da sua nova rota aérea enquanto que, por tabela, os Açores e muito particularmente a população do Faial, rejubilava com a promoção turística feita à sua ilha<sup>23</sup>.

Voar da América para a Europa, ou vice-versa, deixara de ser uma aventura para se tornar num hábito luxuoso, mas os passageiros que embarcaram no voo inaugural do *Dixie Clipper* (e vale a pena destacar que um deles comprou o bilhete com dez anos de antecedência) sabiam estar a viver, senão uma aventura, pelo menos um momento histórico e não faltou quem escrevesse nos diários de viagem que se sentia como o Cristóvão Colombo do século XX. Só à custa do hábito, tornado sacramental entre os passageiros dos primeiros voos transatlânticos da *Pan American*, de escreverem um diário de viagem (seguindo o exemplo de Betty Trippe, esposa do Presidente da companhia aérea), dispomos de um significativo número de testemunhos americanos sobre os Açores no arranque da II Guerra Mundial.

O início do transporte aéreo de longo curso gerou uma nova modalidade de literatura de viagens, representada não só por estes diários e *scrapbooks*, mas também pelo enorme caudal de reportagens então publicadas na imprensa, que projetaram a imagem do arquipélago a uma escala nunca dantes vista nos Estados Unidos da América<sup>24</sup>.

É difícil adivinhar o número de viajantes americanos, publicados ou não, que escreveram sobre estas ilhas e permanecem desconhecidos do público e investigadores açorianos<sup>25</sup>. Há um considerável trabalho de recenseamento a fazer, tanto ao nível dos manuscritos como dos impressos, que nem mesmo as todas poderosas ferramentas da era digital tornam fácil executar. E por falar em digital, já nem me atrevo a imaginar o que é, ou virá a ser, a densa floresta de blogues de viagem sobre as ilhas açorianas, ou a miríade de imagens no Instagram ou no Facebook. Confesso-me abstémio nestes domí-

---

23 Cf. “A Horta prestou um generoso acolhimento aos jornalistas americanos que se encontravam a bordo do *Atlantic Clipper*”. In: *O Telégrafo*, 26 de junho de 1939, pp. 1-4.

24 Aos títulos já aqui referidos em notas anteriores, caso da *National Geographic Magazine*, devem ainda ser somados os da revista *Life*, que abre um dos seus números (June 3, 1940) com uma foto reportagem sobre o voo Nova Iorque-Horta-Lisboa, sem esquecer as inúmeras notícias publicadas em jornais de referência como o *New York Times*, o *New York Herald Tribune* e o *The Saturday Evening Post*.

25 A estadia do filósofo Willard V. Quine em Ponta Delgada, que aqui passou um semestre sabático em 1938 a preparar a sua dissertação de doutoramento em Lógica Matemática e cujas impressões se encontram documentadas no seu livro de memórias – *The Time of my Life. An Autobiography*. Cambridge: MIT Press, 1985, pp. 132-137 – é um bom exemplo disso mesmo, tal como referiu Onésimo Teotónio de Almeida, “O Filósofo Willard Quine e os Açores” In: *Atlântida*, vol. XXX, 1985, pp. 93-101.

nios e, portanto, gostaria de vos deixar com dois testemunhos da década de 50 do século passado.

O primeiro é o de Emily Hahn, uma escritora americana que nunca alcançou grande notoriedade literária, mas cuja história de vida é um verdadeiro romance de aventuras<sup>26</sup>. Foi casada com o historiador inglês Charles Ralph Boxer, nome bem conhecido dos investigadores da Expansão Portuguesa, e veio aos Açores na sequência da erupção dos Capelinhos em 1957-1958, publicando de seguida uma extensa reportagem em três números da revista *New Yorker* (1959)<sup>27</sup> que, na minha humilde opinião, merecia figurar em qualquer antologia de Literatura de Viagens sobre os Açores.

O segundo e último exemplo é o de um poema, intitulado *Azores*, composto por John Updike (1932-2009) e originalmente publicado na *Harper's Magazine*, em Janeiro de 1964. Updike, a par de Saul Bellow e Norman Mailer, é um dos grandes nomes da Literatura americana do pós-guerra e apesar do seu poema se encontrar há muito traduzido (por Jorge de Sena) e publicado em português<sup>28</sup>, fico sempre surpreendido com o desconhecimento que a maioria do público açoriano tem deste singelo testemunho. A partir da leitura do poema, é fácil perceber que John Updike passou pelos Açores de barco, provavelmente na viagem transatlântica que fez em 1954-1955, quando esteve como bolseiro na Ruskin School of Art, em Oxford, Inglaterra. A paisagem das ilhas, vista do convés de um paquete, impressionou-o ao ponto de escrever estas inspiradas linhas, onde os Açores nos são representados como “*Grandes navios verdes (...) ancorados para sempre (...) a meio do Atlântico*”.

É notável como alguém que não desembarcou nas ilhas, um passageiro transatlântico na verdadeira aceção da palavra, logrou resumir de forma tão poética a essência oceânica deste arquipélago que nós próprios, nele residentes, temos dificuldade em ver a partir do mar.

Como diria Caetano Veloso na sua canção *Argonautas: navegar é preciso, viver não é preciso*.

26 Sobre Emily Hahn (1905-1997) veja-se o estudo biográfico de Ken Cuthbertson, *Nobody Said Not to Go: The Life, Loves, and Adventures of Emily Hahn*. Boston: Faber and Faber, 1998.

27 Cf. “The Azores Timeliness in Mid Atlantic”. In: *The New Yorker* (November 14, 1959); “The Azores II – The Longest Distance Between Two Islands”. In: *The New Yorker* (November 21, 1959); “The Azores III – The Colonel Who Liked Lava”. In: *The New Yorker* (November 28, 1959).

28 A tradução do poema foi publicada pela primeira vez no nº35 de *Glacial* – o suplemento literário que acompanhava o jornal *A União* (5 Setembro 1969) – e seguidamente numa Antologia bilingue de Poesia Açoriana coordenada por Onésimo Teotónio de Almeida, *The Sea Within: a selection of azorean poems*. Providence: Gávea – Brown, 1983.